

Os sem-religião. Espacialização e vozes de uma transformação

The non-affiliated. Spatialization and voices of a transformation

Flávia Senra

Doutorado em Filosofia, PUC Minas, Brasil
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq
flaviosenra@pucminas.br

Izabella Faria de Carvalho

Doutorada em Geografia, CEGIPAR PUC Minas, Brasil
izabellafc@gmail.com

José Álvaro Campos Vieira

Doutorado em Ciências da Religião, Bolsista CAPES/PPGCR PUC Minas, Brasil
alvaroce@msn.com

Resumo

O estudo sobre os sem-religião, contingente que representa há algumas décadas o terceiro maior percentual de declaração sobre vínculo (ou não vínculo) à religião no país, revela a condição em que se encontram as instituições tradicionalmente constituídas. O presente artigo apresenta dois estudos, sendo, o primeiro sobre a espacialização dos sem-religião na cidade de Belo Horizonte e, o segundo, sobre as vozes das pessoas que expressam as suas razões e motivos para justificar essa desvinculação com suas antigas instituições. Considerando o senso religioso contemporâneo em transformação, destacaremos a espacialização, as razões e os motivos para uma opção de não vínculo às instituições religiosas. Trata-se de um fenômeno que vai pouco a pouco se consolidando nas periferias de grandes cidades, tendo em vista os estudos realizados pelos autores e autora na capital mineira.

Palavras-chave: Sem-religião. Geografia da religião. Ciências da Religião. Ciências empíricas da religião.

Abstract

The study on the non-affiliated, a contingent that for some decades has represented the third highest percentage of declarations about ties (or no ties) to religion in the country, reveals the condition in which traditionally constituted institutions stand nowadays. This article presents two studies, the first on the spatialization of the non-affiliated in the city of Belo Horizonte and the second on the voices of people who express their reasons and arguments for justifying this disconnection with their old institutions. Considering the changing contemporary religious sense, we will highlight the spatialization, the reasons and the arguments for an option of not linking oneself to religious institutions. It is a phenomenon that is gradually consolidating itself in the peripheries of large cities, in view of the studies carried out by the authors in the capital of Minas Gerais.

Keywords: Non-affiliated. Geography of religion. Religious studies. Empirical science of religion.

1. INTRODUÇÃO

Os dados do último Censo demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que, no município de Belo Horizonte, os católicos alcançam 60% da população, os evangélicos contabilizam 25% e os que se declaram sem religião¹ perfazem um total de 8%.

Considerada esta realidade, como temos procurado compreender as transformações que ocorrem no senso religioso contemporâneo, ou seja, de como as experiências religiosas são percebidas e vivenciadas na contemporaneidade, nos debruçamos sobre o fenômeno das pessoas que se autodeclaram sem religião. O crescimento do número de sem-religião no Brasil é um fenômeno que incita o nosso olhar de pesquisadores e pesquisadoras das religiões em nossa época. Por meio dos dados de cada Censo demográfico é possível esboçar o perfil das pessoas sem religião e produzir análises tanto a partir dos dados estatísticos quanto, a partir daí, produzir mapas que contribuam para especializar o fenômeno. Complementarmente, para um conhecimento um pouco mais apurado, foi realizado nos últimos anos uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, com a participação de pessoas que autodeclaram sem religião. No presente artigo apresentamos parte dos temas abordados em duas pesquisas que aqui estão postas em diálogo. Por um lado, a partir dos dados do Censo do IBGE e da respectiva base cartográfica digital, foram gerados mapas temáticos da distribuição espacial do percentual de adeptos. Por outro lado, considerando a necessidade de compreensão do fenômeno, foi realizado o levantamento do histórico religioso e motivações que levam pessoas a se compreender como sem-religião. Trata-se, portanto, de um estudo que reúne pesquisa qualitativa e quantitativa.

Em conjunto, as duas pesquisas contribuem para uma aproximação preliminar da questão que se pretende responder nesse trabalho. Onde estão e o que pensam pessoas que se autodeclaram sem religião. Os dados apontam para um distanciamento das pessoas em relação às instituições, fomentando um tipo de espiritualidade não dependente da orientação e vínculo de afiliação religiosa.

2. A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS CATÓLICOS, DOS EVANGÉLICOS E DOS SEM RELIGIÃO NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

Iniciemos por considerar como se dá a distribuição dos três principais grupos religiosos na capital mineira. Para tanto, seguimos as áreas de ponderação propostas pelo IBGE, pois estas permitem utilizar os dados do censo demográfico de forma desagregada. O IBGE define uma área de ponderação como

¹ A categoria sem-religião será registrada com hífen. Quando a expressão se refere a pessoas sem religião, o hífen não é grafado.

(...) uma unidade geográfica, formada por um agrupamento mutuamente exclusivo de setores censitários contíguos, para a aplicação dos procedimentos de calibração dos pesos de forma a produzir estimativas compatíveis com algumas das informações conhecidas para a população como um todo. O tamanho dessas áreas, em termos de número de domicílios e de população, não pode ser muito reduzido, sob pena de perda de precisão de suas estimativas. Assim este tamanho mínimo foi definido em 400 domicílios ocupados na amostra, exceto para os municípios que não atingem este total onde, neste caso, o próprio município é considerado uma área de ponderação. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

A partir das áreas de ponderação, foi possível elaborar os mapas do percentual de católicos, do percentual de evangélicos e do percentual dos sem religião para o município de Belo Horizonte.

A evolução da ocupação urbana do município de Belo Horizonte, desde a sua inauguração até os dias atuais, nos permite apresentar as atuais áreas de ponderação de Belo Horizonte e seus respectivos bairros, segundo a organização definida pelo IBGE.

Segundo Benedito Tadeu de Oliveira (2007),

A construção de Belo Horizonte é um dos eventos históricos e culturais mais significativos da história de Minas Gerais. O estado, que formou sua identidade política, econômica e cultural a partir do século XVIII, tinha nos primeiros anos da república a sua integridade e a sua unidade geográfica ameaçadas por movimentos separatistas nas regiões Sul e Norte, na Zona da Mata e no Triângulo Mineiro. A construção da capital de Minas Gerais teve ao mesmo tempo o significado de negar a ordem monárquica e colonial representada por Ouro Preto e de exaltar o espírito republicano, desestimulando os movimentos separatistas e criando assim condições políticas para a integração de suas diversas regiões, a partir de uma nova capital instalada no centro do estado.

No final do século XIX, com a Proclamação da República, acirrou-se o debate sobre a transferência da capital do estado, da setecentista Ouro Preto, para uma nova sede. Em 1895, teve início a construção da Cidade de Minas, no antigo Arraial de Bello Horizonte, uma cidade planejada segundo uma inspiração positivista, apontam Tonucci Filho e outros (2015).

Da inauguração da capital até a década de 1920, a ocupação urbana em Belo Horizonte se restringiu a áreas da região central, afirmam Macedo e Umbelino (2009).

Durante a administração de Juscelino Kubitschek, no período de 1940 a 1945, foi criada a Cidade Industrial em Contagem, município vizinho a Belo Horizonte. Nessa década, a capital cresceu em todas as direções, especialmente em áreas cuja topografia era propícia. Duas vias abertas nesse período proporcionaram a expansão da ocupação urbana a partir da região central rumo a duas direções de forma mais intensa. A oeste, a extensão da Avenida Amazonas em direção à Cidade Industrial e ao norte, a Avenida Antônio Carlos em direção à região da Pampulha (TONUCCI FILHO e outros, 2015).

Até a década de 1950, ocorreu um intenso crescimento urbano, especialmente em áreas além dos limites da Avenida do Contorno. No período seguinte, até a década de 1970, a população de Belo Horizonte atingiu um grande crescimento impulsionado principalmente pelos fluxos

migratórios. Grande parte desses novos habitantes era formada por uma população de baixa renda que ocupou bairros distantes da região central. Dessa forma, a mancha urbana se expandiu alcançando novas áreas. Nas décadas seguintes, a ocupação urbana alcançou as áreas periféricas do município e, atualmente, praticamente não existem áreas de expansão urbana, restando áreas de parques, de proteção etc., complementam Macedo e Umbelino (2009).

Para o município de Belo Horizonte, o IBGE definiu 67 áreas de ponderação, que por sua vez abrangem um conjunto de bairros. A figura 1 e a tabela 1 indicam, respectivamente, a localização de cada área de ponderação do município de Belo Horizonte e os bairros que compõem cada uma dessas áreas.

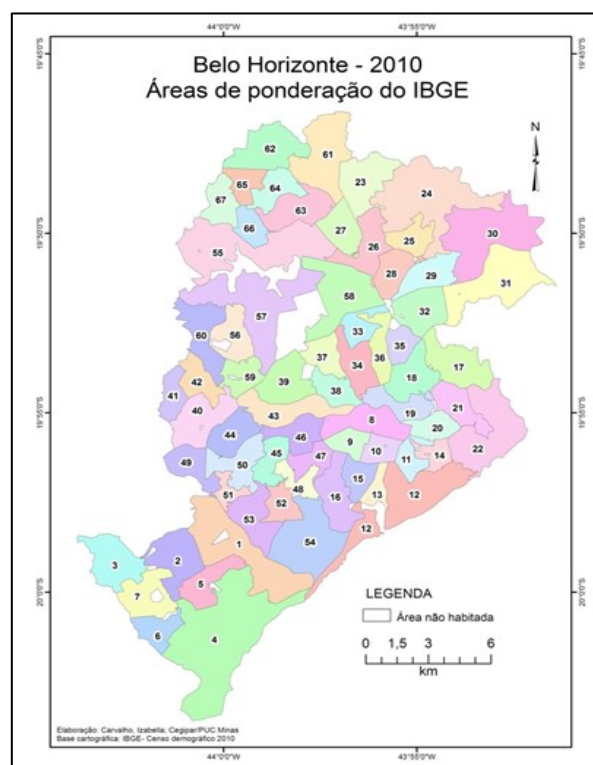


Figura 1 - Belo Horizonte – 2010 – Áreas de ponderação do IBGE
Fonte: IBGE – Censo demográfico 2010. Elaborado pela autora.

Como mencionado, a tabela abaixo especifica a relação dos bairros pertencentes a cada área de ponderação.

Tabela 1 - Bairros das áreas de ponderação do município de Belo Horizonte em 2010.

Áreas	Bairros
1	Alta Tensão, Bernadete, Bonsucesso, das Indústrias, Milionários, Novo das Indústrias, Olhos D'água, Pilar, São João, Vila Copasa, Vila Nova dos Milionários, Vila Olhos D'água e Vila Pilar
2	Ademar Maldonado, Átila de Paiva, Barreiro, Diamante, João Paulo II, Santa Helena, Santa Margarida, Teixeira Dias, Vila Átila de Paiva e Vila Tirol
3	Itaipu, Jatobá, Lindeia, Marieta, Marilândia, Tirol, Túnel de Ibitiré e Vila Piratininga
4	Alto das Antenas, Corumbiara, Esperança, Flávio de Oliveira, Flávio Marques Lisboa, Novo Santa Cecília,

- Pongelupe, Serra do Curral, Solar do Barreiro e Vila Cemig
- 5 Araguaia, Brasil Industrial, Cardoso e Miramar
- 6 Águas Claras, Independência, Mangueiras, Mineirão, Petrópolis, Vila Ecológica, Vila Independência, Vila Mangueiras e Vitória da Conquista
- 7 Castanheira, CDI Jatobá, Conjunto Jatobá, Distrito Industrial do Jatobá, Ernesto Nascimento, Jardim do Vale, Marieta, Olaria, Santa Cecília, Santa Rita, Vale do Jatobá, Vila Batik, Vila Formosa e Vila Pinho
- 8 Barro Preto, Centro, Floresta, Santa Efigênia
- 9 Lourdes e Santo Agostinho
- 10 Boa Viagem, Funcionários e Savassi
- 11 Novo São Lucas, Santa Isabel, São Lucas e Serra
- 12 Acaba Mundo, Anchieta, Belvedere, Comiteco, Cruzeiro, Mangabeiras, Pindura Saia, Vila Fumec
- 13 Carmo e Sion
- 14 Fazendinha, Vila Marçola, N. Sra. Aparecida, N. Sra. Conceição, N. Sra. de Fátima, N. Sra. do Rosário, Santana do Cafezal e Vila Novo São Lucas
- 15 Vila Estrela, Santa Rita de Cássia, Santo Antônio, São Pedro e Vila Barragem Santa Lúcia
- 16 Vila Ápia, Cidade Jardim, Conjunto Santa Maria, Coração de Jesus, Luxemburgo, Monte São José, Santa Lúcia, São Bento, Vila Bandeirantes, Vila Paris
- 17 Boa Vista, Caetano Furquim, Camponesa, Casa Branca, Mariano de Abreu, Nova Vista, Santa Inês, São Geraldo, Vila Boa Vista e Vila São Geraldo
- 18 Horto Florestal e Sagrada Família
- 19 Colégio Batista, Floresta, Horto e Santa Tereza
- 20 Cônego Pinheiro, Paraíso, Santa Efigênia, Vila Paraíso e Vila União
- 21 Esplanada, Jonas Veiga, Pirineus, Pompeia, Saudade, Vera Cruz e Vila São Rafael
- 22 Alto Vera Cruz, Baleia, Cidade Jardim Taquaril, Conjunto Taquaril, Granja de Freitas, Taquaril e Vila de Ária
- 23 Etelvina Carneiro, Frei Leopoldo, Jaqueline, Juliana, Madri, Mariquinhas, Satélite, Vila Clóris, Xodó-Marize e Zilah Spósito
- 24 Conjunto Floramar, Granja Werneck, Jardim Felicidade, Monte Azul, Novo Aarão Reis, Novo Tupi, Ribeiro de Abreu e Solimões
- 25 Lajedo, Mirante e Tupi
- 26 Biquinhas, Floramar, Heliópolis, Jardim Guanabara, São Bernardo, São Tomaz e Vila Aeroporto
- 27 Bacurau, Campo Alegre, Planalto e Vila Clóris
- 28 Aarão Reis, Boa União, Conjunto Providência, Guarani, Minaslândia, Primeiro de Maio, Providência, São Gonçalo, Vila Minaslândia e Vila Primeiro de Maio
- 29 Belmonte, Dom Silvério, Ouro Minas, São Gabriel, Três Marias, Vila Esplanada, Vila Ouro Minas, Vila São Gabriel, Vila São Gabriel Jacuí
- 30 Acaiaca, Antônio Ribeiro de Abreu, Beira Linha, Capitão Eduardo, Conjunto Capitão Eduardo, Conjunto Paulo VI, Nazaré, Paulo VI, Ribeiro de Abreu e Vista do Sol
- 31 Bela Vitória, Goiânia, Jardim Vitória, Mirtes, Morro dos Macacos, Pousada Santo Antônio, São Benedito, Vila Maria, Vitória
- 32 Dom Joaquim, Eymard, Fernão Dias, Ipê, Maria Goretti, Penha, São Marcos, São Paulo, Vila São Paulo
- 33 Maria Virgínia, Santa Cruz, Vila da Paz, Vila Inestan e São Sebastião
- 34 Cachoeirinha, Colégio Batista, Concórdia, Lagoinha, Renascença, São Cristóvão, Tiradentes, Vila do Pombal, Vila Nova Cachoeirinha
- 35 Cidade Nova e União
- 36 Graça, Ipiranga, Nova Floresta, Palmares, Silveira e Vila Ipiranga
- 37 Aparecida, Bom Jesus, Ermelinda, Nova Cachoeirinha, Vila Nova Cachoeirinha e Vila Sumaré

- 38 Bonfim, Lagoinha, Nova Esperança, Pedreira Prado Lopes, Santo André, São Cristóvão e Senhor dos Passos
- 39 Alto Caiçaras, Caiçara-Adelaide, Caiçaras, Jardim Montanhês e Monsenhor Messias
- 40 Álvaro Camargos, Califórnia, Conjunto Califórnia, Conjunto Jardim Filadélfia, Conjunto Novo Dom Bosco, Inconfidência, Vila Califórnia e Vila 31 de março
- 41 Coqueiros, Pindorama e Vila Coqueiral
- 42 Glória, Novo Glória e São Salvador
- 43 Carlos Prates, Marmiteiros, Padre Eustáquio e São Francisco das Chagas
- 44 Alto dos Pinheiros, Coração Eucarístico, Delta, Dom Cabral, João Pinheiro e Minas Brasil
- 45 Nova Suíça e Salgado Filho
- 46 Alto Barroca, Barroca, Calafate, Prado, Vila Calafate e Vila da Amizade
- 47 Grajaú, Gutierrez e Nova Granada
- 48 Alpes, Barão Homem de Melo, Chácara Leonina, Jardim América, Leonina, Santa Sofia, São Jorge e Vila Antena
- 49 Camargos, Madre Gertrudes, Santa Maria, Sport Club e Vila Madre Gertrudes
- 50 Ambrosina, Cabana do Pai Tomás, Embaúbas, Gameleira, Guaratã, Jardinópolis, Nova Cintra, Nova Gameleira, Vila Nova Gameleira, Oeste e Vila Oeste
- 51 Bairro das Indústrias II, Cabana do Pai Tomás, Vila Vista Alegre e Vista Alegre
- 52 Havaí, Marajó, Parque São José, Ventosa e Vila Havaí
- 53 Betânia, Cinquentenário, Estrela do Oriente, Palmeiras, Vila Betânia e Vila Nova Paraíso
- 54 Burity e Estoril
- 55 Braúnas, Céu Azul, Conjunto São Francisco de Assis, Copacabana, Garças, Itapoã, Jardim Atlântico, Nova Pampulha, Santa Amélia, Santa Branca, Santa Mônica, Trevo, Unidas, Universo e Xangri-lá
- 56 Castelo, Conjunto Lagoa, Paquetá e Vila Paquetá
- 57 Bandeirantes, Engenho Nogueira, Ouro Preto, São José, São Luiz e Vila Engenheiro Nogueira
- 58 Aeroporto, Dona Clara, Indaiá, Jaraguá, Liberdade, Santa Rosa, São Francisco, Suzana, Universitário, Vila Aeroporto, Vila Real, Vila Rica, Vila Santa Rosa, Vila Santo Antônio, Vila São Francisco e Vila Suzana
- 59 Inconfidência, Jardim Alvorada, Jardim São José, Manacás, Vila Antena Montanhês, Vila Jardim Alterosa, Vila Jardim Montanhês e Vila Jardim São José
- 60 Alípio de Melo, Confisco, Conjunto Celso Machado, Itatiaia, Santa Terezinha, Serrano, Urca e Vila Santo Antônio Barroquinha
- 61 Canaã, Cenáculo, Conjunto Minas Caixa, Conjunto Serra Verde, Europa, Laranjeiras, Minas Caixa, Parque São Pedro, São Damião, Serra Verde e Vila Satélite
- 62 Jardim dos Comerciantes, Mantiqueira, Maria Helena, Nova América, Vila Mantiqueira e Vila Sesc
- 63 Nossa Senhora Aparecida, Santa Mônica, São João Batista, Venda Nova, Vila Canto do Sabiá e Vila São João Batista
- 64 Candelária, Letícia e Rio Branco
- 65 Flamengo, Lagoinha Leblon, Piratininga, Vila Piratininga e Vila Santa Mônica
- 66 Apolônia, Copacabana, Jardim Leblon, Unidas, Universo, Várzea da Palma, Vila Copacabana e Vila Jardim Leblon
- 67 Céu Azul e Lagoa

Fonte: IBGE – Censo demográfico 2010. Elaborado pela coautora.

A partir dos microdados da filiação religiosa do Censo demográfico 2010 do IBGE e das bases cartográficas das áreas de ponderação, foram elaborados mapas do percentual de católicos, de evangélicos e dos sem religião em Belo Horizonte.

A observação do mapa do percentual de católicos segundo as áreas de ponderação indica que, de maneira geral, os católicos apresentam uma forte presença na região centro-sul. À medida em que nos afastamos dessa área em direção ao norte e ao sul do município, os valores percentuais diminuem. Essa dispersão não é uniforme, pois algumas áreas próximas ao centro-sul estão classificadas nas faixas de níveis inferiores de percentual de católicos. Nota-se que nessas áreas estão localizados grandes aglomerados, tais como a área 14 que abrange o Aglomerado da Serra, a área 22 que inclui o Alto Vera Cruz, Taquaril e Conjunto Taquaril², bem como a área 51 que em seu território estão localizadas a Cabana do Pai Tomás e a Vila Vista Alegre.

De maneira similar, a área 15, inserida no contexto da região centro-sul do município, está classificada em uma faixa intermediária, entre 60% e 66% de católicos. Neste caso, a área de ponderação reúne um aglomerado, a Barragem Santa Lúcia, bem como um bairro de classe média alta, o Santo Antônio. A junção de bairros com perfis socioeconômicos bastante heterogêneos pode levar a um dado intermediário que não expressa verdadeiramente nenhum de seus componentes.

Tais considerações sobre a distribuição espacial do percentual de católicos podem ser construídas a partir da observação da figura 2 e da tabela 1. O que se pode perceber é o maior percentual da população católica nos bairros da região centro-sul da capital mineira. Os índices com menor percentual coincidem com as áreas periféricas, onde, ao contrário, encontra-se maior número de evangélicos e sem-religião.

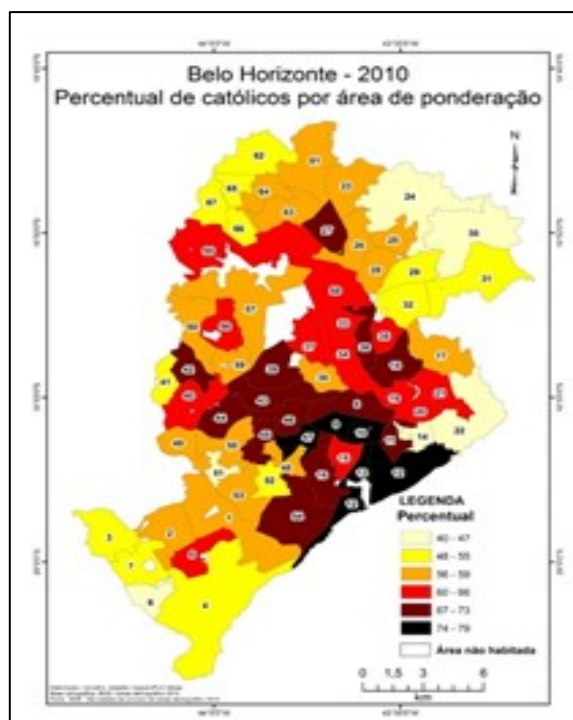


Figura 2 - Belo Horizonte – 2010 – Percentual de católicos por área de ponderação.
Fonte: IBGE – Censo demográfico 2010. Elaborado pela coautora.

² Alto Vera Cruz, Taquaril e Conjunto Taquaril foram os bairros escolhidos para a audiência de pessoas sem religião, conforme será descrito adiante.

De maneira oposta, a observação da figura 3, quanto à distribuição percentual dos evangélicos em Belo Horizonte, indica que os menores percentuais se destacam na região centro-sul e à medida que nos afastamos em direção à porção norte e à sul do município, os percentuais de evangélicos aumentam. Naquelas áreas próximas ao centro-sul e onde os percentuais católicos são baixos, os percentuais de evangélicos se destacam.

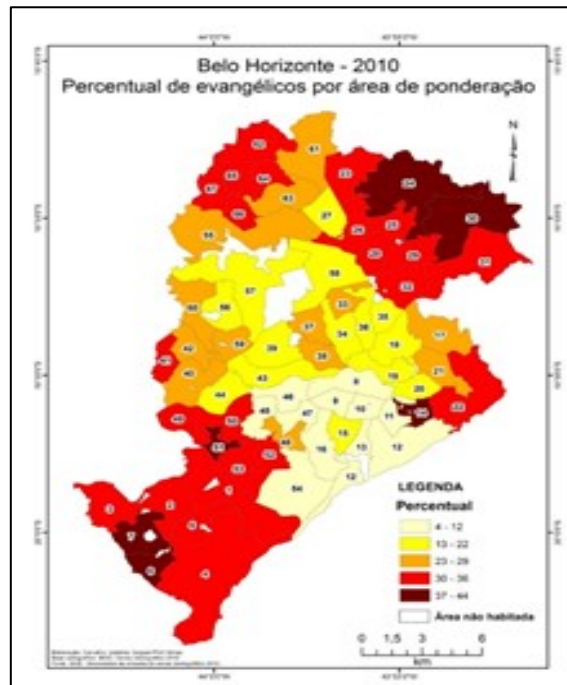


Figura 3 - Belo Horizonte – 2010 – Percentual de evangélicos por área de ponderação.
Fonte: IBGE – Censo demográfico 2010. Elaborado pela coautora.

Embora o mapa do percentual dos que se declaram sem religião não apresente uma tendência marcante de aumento do centro para a periferia, nota-se, na figura 4, que em 8 das 9 áreas cujo o percentual dos sem religião é alto, o percentual de evangélicos se encontra nas duas maiores faixas.

Os dados reforçam a percepção de que a população que se declara sem religião habita as periferias das grandes cidades. Alberto Antoniazzi (2004), quando analisava o Censo de 2000, surpreendeu-se com o crescimento dos sem-religião. Naquela ocasião, esta categoria se tornava o terceiro grupo mais numeroso, antecidos por católicos e evangélicos. O teólogo afirma que, relativamente à categoria dos sem-religião, “não se trata de uma elite [...], mas predominantemente de pobres [...]” (ANTONIAZZI, 2004, p. 37). Os dados acima expostos demonstram e confirmam essa constatação. Contudo, o autor lembrava, na ocasião, o quanto esta categoria estava por ser estudada. O panorama, desde então, não mudou muito, e há que se ouvir, dessas pessoas, as razões dessa mudança.

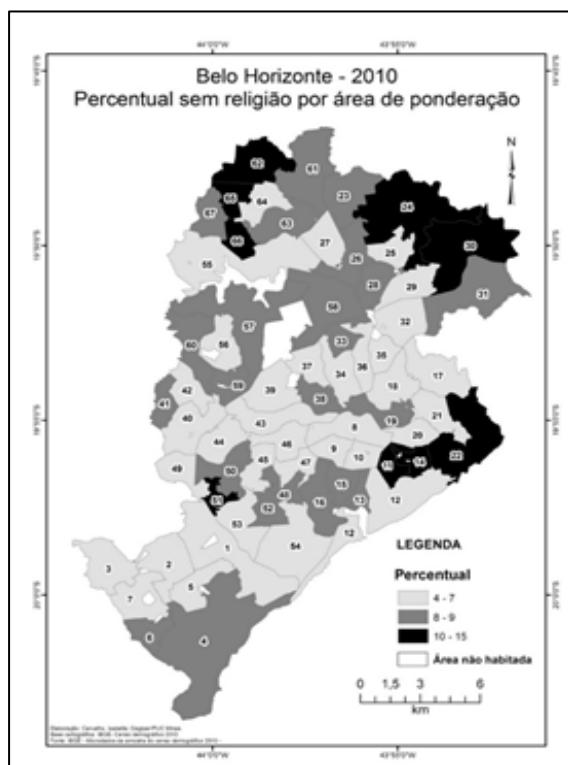


Figura 4 - Belo Horizonte – 2010 – Percentual dos sem religião por área de ponderação.
Fonte: IBGE – Censo demográfico 2010. Elaborado pela autora.

3. AS VOZES DOS INDIVÍDUOS SEM RELIGIÃO

Considerando os sem-religião como um fenômeno predominantemente urbano e, de forma especial, um fenômeno das periferias das cidades ou de alguns bairros, foi realizada a pesquisa intitulada *A palavra dos sem-religião*³. Com 2.375.151 habitantes (IBGE, 2017b) e com 487 bairros (BELO HORIZONTE, 2017a), nos interrogamos pela região de Belo Horizonte que poderia ser a mais relevante para a realização do campo.

Dentre as 67 áreas de ponderação acima expostas, o percentual mais alto de sem-religião encontra-se em 9 dessas áreas. Tal dado nos permite apontar que a distribuição espacial daqueles que se declaram sem-religião não é homogênea no território do município. Os percentuais e os bairros que compõem as áreas de ponderação que exibem os maiores valores são expostos na tabela a seguir.

Tendo em vista o estudo realizado, a unidade geográfica formada pelos bairros Alto Vera Cruz, Baleia, Cidade Jardim Taquaril, Conjunto Taquaril, Granja de Freitas, Taquaril e Vila da Área, localizada na Região Leste de Belo Horizonte, foi a região da capital mineira onde foi realizada a pesquisa.

³ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Projeto submetido no dia 24 de maio de 2017, ao Sistema CEP/CONEP, via Plataforma Brasil, com o Número do Parecer: 2.099.849, e aprovado no dia 05 de junho de 2017, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 63065516.7.0000.5137).

Tabela 2 – Áreas de ponderação que apresentam os percentuais mais altos de sem-religião, da cidade de Belo Horizonte, no Censo de 2010.

Área de ponderação	Percentual de sem-religião	Bairros que compõem cada área de ponderação
22	14,7	Alto Vera Cruz, Baleia, Cidade Jardim Taquaril, Conjunto Taquaril, Granja de Freitas, Taquaril e Vila de Área
51	13,2	Bairro das Indústrias II, Cabana do Pai Tomás, Vila Vista Alegre e Vista Alegre
24	11,7	Conj. Floramar, Granja Werneck, Jardim Felicidade, Monte Azul, Novo Aarão Reis, Novo Tupi, Ribeiro de Abreu e Solimões
14	11,7	Fazendinha, Vila Marçola, Santana do Cafezal, Vila Nova São Lucas e N. Sra. Aparecida, N. Sra. da Conceição, N. Sra. de Fátima e N. Sra. do Rosário
62	10,9	Jardim dos Comerciantes, Mantiqueira, Maria Helena, Nova América, Vila Mantiqueira e Vila Sesc.
11	10,8	Novo São Lucas, Santa Isabel, São Lucas e Serra
66	10,5	Apolônia, Copacabana, Jardim Leblon, Unidas, Universo, Várzea da Palma, Vila Copacabana e Vila Jardim Leblon
30	10,0	Acaiaca, Antônio Ribeiro de Abreu, Beira Linha, Capitão Eduardo, Conjunto Capitão Eduardo, Conjunto Paulo VI, Nazaré e Vista do Sol
65	9,8	Flamengo, Lagoinha Leblon, Piratininga, Vila Piratininga e Vila Santa Mônica

Fonte: IBGE – Censo demográfico 2010. Elaborado pela autora.

Segundo os documentos da Prefeitura da capital mineira (BELO HORIZONTE, 2017b), trata-se de bairros de ocupação. Os primeiros moradores surgiram na década de 1950, período da expansão territorial acima mencionado, dando origem a uma área nomeada inicialmente como Favela Alto dos Minérios. Nos dias atuais, a região corresponde ao bairro Alto Vera Cruz. A partir da década de 1980 surgem os demais bairros no seu entorno.

Por meio de visitas *in loco* e de pesquisas em fontes oficiais,⁴ descobriu-se que a maior aglomeração de habitantes, de instituições de ensino e de organizações de bairro se encontra, na atualidade, no Alto Vera Cruz, Taquaril e Conjunto Taquaril. São bairros povoados por um baixo percentual de famílias das classes D e C, e de forma mais expressiva por famílias da classe E. Efetivamente, há um número pequeno de famílias que vivem em situação de miséria.

A amostra da pesquisa foi composta por quarenta e cinco pessoas, sendo quinze pessoas adultas e trinta jovens. A situação escolar e/ou profissional dos respondentes pode ser assim definida: 53% se identificam como estudantes, 29% como trabalhadores-estudantes, 13% como trabalhadores e 4% como desempregados. A grande maioria, 98%, advêm famílias religiosas. Entre os participantes, 16% foram sempre sem-religião e 84% já participaram de uma ou de mais tradições religiosas.

⁴ Esse estudo foi realizado por meio de documentos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, do Governo do Estado de Minas Gerais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O percurso religioso dos que já participaram de alguma tradição se desenrolou da seguinte maneira: 68% participaram apenas de uma tradição religiosa, sendo que 42% foram católicos e 26% evangélicos; 13% frequentaram duas tradições, a católica, inicialmente, e depois a evangélica; e 10% experimentaram mais de duas tradições religiosas. Importante anotar que após o rompimento com a prática religiosa institucionalizada, 87% mantiveram a fé e 13% não têm mais fé, dos quais, dois se tornaram ateus e três agnósticos.

Os que conservaram a fé sugerem que o fenômeno dos sem-religião não aponta para o crescimento seja do ateísmo ou do agnosticismo. Os dados do Censo de 2010 já indicavam que o fenômeno dos sem-religião não sinaliza para a expansão quer do ateísmo, quer do agnosticismo. Conforme o Censo, no grupo dos sem-religião no Brasil, 95,15% se referem a pessoas com fé, 3,98% são ateias e 0,87% é agnóstica. Esses dados indicam que o grupo dos sem-religião é formado por um número escasso de ateus e agnósticos, ao passo que é formado por um significativo percentual de pessoas portadoras de fé. Relativamente à amostra colhida na pesquisa, observa-se um perfil similar ao grupo dos sem-religião no Brasil. Entre os participantes, 84% são pessoas que afirmam crer em Deus ou em algo transcendente, 11% são agnósticas e 4% são ateias.

Quanto aos motivos para ser uma pessoa sem religião, os quarenta e cinco questionários preenchidos pelas próprias pessoas registram o número de até cem motivos que levaram os participantes a se afirmarem como sem-religião. Alguns motivos lembram acontecimentos do contexto familiar, outros apontam para fatos do campo institucional e outros ainda sinalizam novas experiências e novos conhecimentos que uma ou outra pessoa respondente foi adquirindo na vida.

Frente à variedade de motivos optou-se por agrupá-los em quatro âmbitos, a saber:

No *âmbito individual* foram reunidos os motivos que decorrem de circunstâncias pontuais e de particularidades da personalidade ou do senso religioso de uma ou de outra pessoa pesquisada.

No *âmbito familiar* foram listados os motivos que provêm da influência da família (pais ou responsáveis). Nesse campo percebe-se que a disparidade religiosa entre os familiares, a ausência de práticas religiosas em algum dos pais ou responsáveis e/ou a obrigatoriedade imposta por um deles repercute na decisão de alguns participantes.

Já no *âmbito institucional* constam motivos que aludem ao descrédito de uma ou outra pessoa respondente nas lideranças religiosas, no conjunto de fiéis, na estrutura administrativa e na prática cultural das tradições religiosas.

Por fim, no *âmbito religioso* foram agrupados os motivos que remetem à descrença das pessoas pesquisadas nos elementos fundantes da religião, ou seja, na doutrina, nas crenças e/ou nos dogmas religiosos.

Entre os quatro âmbitos, o institucional é o que mais estimula os participantes a ser e a permanecer sem-religião. Dos motivos apresentados, 53%, reportam ao campo institucional, com

destaque para as igrejas cristãs. Recorde-se, como apresentado acima, o quão é expressivo o número de igrejas cristãs evangélicas onde também é mais expressivo o número de pessoas sem religião. Esta realidade também se apresenta na região em que o questionário foi aplicado. As igrejas cristãs são o alvo do descontentamento dos sem-religião pesquisados. Note-se ainda, que os dados sobre o trânsito demonstram a vinculação anterior a ambas instituições.

A crítica das pessoas respondentes se expressa, de modo especial, considerando suas próprias palavras, para termos como *hipocrisia*, *ostentação* e *extorsão* manifestadas pelas lideranças religiosas e seus fiéis. Nota-se uma oposição dos respondentes ao que identificam como *centralidade no dinheiro*, *ganância* e *embustes*, particularmente quando se referem a supostos milagres e promessas. Também se critica o distanciamento das igrejas com relação à realidade vivida pelas pessoas e pela comunidade. Se destacam ainda, como elementos críticos, o *conservadorismo no modo de pensar e no culto*, bem como a *falta de respeito e falta de comunhão* entre as igrejas.

Importante aqui ponderar acerca do desencantamento das instituições religiosas ou, em outras palavras, ao que o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira destaca a respeito da desafeição pelo religioso institucional (OLIVEIRA, 2012a; 2012b). Talvez esse fenômeno esteja relacionado ao que Lipovetsky diagnosticara quanto à “desafeição de massa pela *res publica* e em particular pelas ideologias políticas. (LIPOVETSKY, 2005, p. 185). Na esteira do crescente fenômeno do individualismo, a vinculação ao público e ao comunitário perdem força, ao passo em que os indivíduos assumem o lugar de produtores de sentido para suas próprias vidas. Some-se a isso, como observado, um conjunto de fatores que, na percepção das pessoas não lhes parece adequado ou mesmo é percebido como incompatível com a mensagem religiosa que se pretende difundir.

Os dados a seguir reforçam essa percepção de aumento da individualização da crença. Após os elementos caracterizados como desafeição com a instituição, aparecem na pesquisa os elementos de desafeição para com a religião. Dos motivos assinalados, 23% estão relacionados ao âmbito religioso. A crítica mais enfatizada parte da convicção de que para se ter fé e viver na presença de Deus não é necessário ter religião. Aliás, destacam os participantes da pesquisa que Deus é acessível a cada pessoa, independentemente de se ter ou não religião. Os outros aspectos apontam para a descrença nos textos sagrados e nos dogmas, e para a irrelevância que a religião passa a ter quando um ou outro respondente se apropria de novas ideias e conhece outras formas de organizar a vida que julgam mais coerentes. Não é de se estranhar que a liberdade para com a religião é também elemento característico do discurso evangélico. Não é a religião que salva, mas a fé, afirmam as pessoas pesquisadas. Contudo, a radicalização dessa posição redundará no afastamento da vida comunitária como espaço de compartilhamento da experiência religiosa. Aqui encontra-se,

uma genuína expressão do individualismo religioso que temos percebido como traço do senso religioso contemporâneo.

O terceiro campo de maior influência está constituído por um conjunto de fatores pessoais diversos. Do total de motivos, 18% situam-se nesse âmbito. São motivos que aludem a circunstâncias pontuais (falta de tempo), a componentes motivacionais (falta de interesse e de vontade), a particularidades da personalidade (medo de agir errado) e ao “tamanho” da fé (não ter certeza, não ser totalmente descrente, etc.). E, por fim, o âmbito familiar. Esse é o que menos ressoa nos motivos dos participantes. A educação religiosa dos pais ou responsáveis, ou a ausência dela, influência na decisão dos sem-religião, mas, no caso da pesquisa analisada, repercutiu em um número pequeno de indivíduos.

A pesquisa procurou saber o que pensam os sem religião sobre religião e sobre espiritualidade. Quando discorrem sobre o que é religião, 35,5% enfatizam o aspecto doutrinal e 31% a fé. A doutrina é compreendida como algo que remete às regras de conduta que são impostas por instituições. Por sua vez, os líderes religiosos das igrejas cristãs são desacreditados pelas pessoas respondentes. A fé é o que une a pessoa crente a Deus, a qual opera por ela mesma, sem interferência de nada e de ninguém. Deus e fé, além da convivência que proporciona, são as ideias que se destacam positivamente quando se referem à religião. Já as instituições e as doutrinas que representam são considerados aspectos negativos. A fé sinaliza autonomia, a doutrina indica submissão. Nesse aspecto, ficou evidenciado o processo de desencantamento para com as instituições religiosas e, no lugar da submissão, encontram como saída a apologia à fé pessoal.

Quando as pessoas falam sobre espiritualidade, 11% das pessoas participantes manifestam de modo explícito de que não sabem o que é espiritualidade e 33% não responderam à questão correspondente. Contudo, 56% das pessoas que compuseram a amostra, exteriorizam sua opinião acerca de espiritualidade. Alguns pensam a espiritualidade vinculada unicamente à religião, outros a veem vinculada a uma instituição religiosa, especificamente a evangélica, mas uma maioria a entende como uma relação da pessoa consigo mesma e com o que compreende ser transcendente. Para algumas pessoas que se entendem como sem-religião com fé, espiritualidade é a via que une a pessoa ao que se compreende como Deus. Para outras, espiritualidade é a via que conecta a pessoa ao mistério da vida. Nos respectivos depoimentos, a espiritualidade é tida como uma faculdade inerente ao ser humano que o habilita a criar uma relação com o transcendente e consigo mesmo. O cultivo dessa aptidão propicia uma existência promissora e depende unicamente de cada pessoa.

4. SENSO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO EM TRANSFORMAÇÃO

Dados quantitativos proporcionam um quadro geral do fenômeno que se investiga. Na visão de Faustino Teixeira (2013), os dados do Censo de 2010, quanto ao quesito religião, são importantes na medida em que revelam o perfil religioso da população e sinalizam as mudanças e as tendências do cenário religioso no Brasil. No entanto, “[...] trata-se de um instrumento que necessita de ‘exploração qualificada’, de pesquisas qualitativas que possam agregar outras variáveis para a análise.” (TEIXEIRA, 2013, p. 22). Leila Amaral enfatiza também a importância da realização de outras análises além do que indicam os dados censitários. No olhar da autora, os dados dos censos contêm limites e elementos “[...] mais sutis só poderão ser captados por estudos de natureza qualitativa.” (AMARAL, 2013, p. 303). E de modo pertinente, Mauro Passos, Paola Zorzin e Daniel Rocha apontam para a imprescindível correlação entre as pesquisas quantitativa e qualitativa. Esses autores e autora alegam que “[...] reflexões que tenham por base apenas a exposição de pesquisas quantitativas podem vir a obscurecer mais do que clarear a problemática estudada. Deve-se ter em mente a irrenunciável complementaridade das pesquisas quantitativas e qualitativas.” (PASSOS; ROCHA; ZORZIN, 2011, p. 709).

Tais considerações são importantes e reforçam a perspectiva de leitura do fenômeno aqui apresentado. Por um lado, os dados estatísticos fornecidos pelo IBGE foram importantes para identificar e espacializar o fenômeno dos sem-religião como fenômeno que ocorre com destaque nas periferias. O caso de Belo Horizonte demonstra que as áreas de ponderação mais periféricas, assim como as periferias dos bairros da região centro-sul da capital mineira são as que mais agregam pessoas que se declaram sem-religião. Acompanham esse diagnóstico a maior presença de evangélicos nessas mesmas regiões.

O que os dados tendem a evidenciar, considerando que o cenário da atividade religiosa se encontra em transformação, é que o catolicismo perde mais onde menos consegue chegar como instituição. Destaque-se a histórica dificuldade de penetração do catolicismo nas periferias das grandes cidades, considerada a complexa realidade do crescimento urbano das últimas cinco décadas, situação que se acentua com o passar do tempo. Com poucos agentes, com uma rede de comunidades e unidades (templos, capelas, locais de reunião) muito aquém ao exponencial crescimento da presença institucional de igrejas evangélicas nas periferias, o catolicismo perde em números, mas perde ainda mais em capacidade de formação do imaginário religioso nessas regiões.

Demonstrou-se ainda, mesmo que esse não seja o tema central do presente trabalho, que o crescimento dos evangélicos acontece com mais força nas mesmas áreas periféricas em que se observa o crescimento dos sem-religião. Porém, destaque-se, o crescimento dos evangélicos não

tem sido impedimento para o crescimento do terceiro maior grupo, aquele formado por pessoas que se declaram sem religião o que aqui se pretende compreender.

Certamente, o fenômeno contém uma multiplicidade de fatores, sejam de ordem socioeconômica ou fatores de ordem cultural, pastoral ou religiosa próprias da época. As sociedades contemporâneas, conhecidas como sociedades dinâmicas ou de inovação, de conhecimento ou tecnológicas, contribuem para as transformações que percebemos e vivenciamos em nossos dias, atesta o epistemólogo Marià Corbí (1996). Tais transformações impactam o modo de pensar e agir. Especificamente, observa-se, no campo religioso, aspectos que colocam em questão o senso religioso herdado.

Dentre os aspectos que poderiam ser elencados, destaca-se, quando ouvidas as pessoas que se autodeclaram como sem-religião, a questão da desinstitucionalização das práticas religiosas, acompanhado do processo da individualização da crença. Considerando os relatos, tal como pode ser reconhecido, a maior parte de pessoas sem religião mantem a fé em Deus. A desinstitucionalização das práticas religiosas aparece, nesse contexto, como uma das consequências da consciência de que o vínculo com uma instituição não importa para a qualidade da vivência da espiritualidade das pessoas pesquisadas. Tendo passado, em geral, por outros vínculos religiosos em outras igrejas cristãs, a pessoa sem religião tem procurado vivenciar as suas crenças no âmbito da sua individualidade. Esse caminho, não bastasse uma cultura que acentua o valor e o papel que deve assumir o indivíduo como ser autônomo e livre nas sociedades ocidentais contemporâneas, é fomentado por um conjunto de mazelas que as pessoas sem religião percebem e criticam em suas antigas comunidades de fé – razões pelas quais justificam a sua condição de pessoa sem religião.

Como lembra Corbí (1996), a liberdade se constitui como o princípio das modernas sociedades industriais, e, mais recentemente, das sociedades de conhecimento ou de inovação. O modelo pautado na coerção, na rotina e na hierarquia não é apreciado nesse novo contexto. Uma estrutura religiosa fundada sobre o princípio da submissão colide com o princípio da liberdade que caracteriza as modernas sociedades do conhecimento. Percebemos que a religião, enquanto institucionalização do modelo de submissão e controle das individualidades, tem sido abandonada como uma referência para a vida das pessoas. Quando observamos o discurso de pessoas que se afirmam sem religião, encontramos elementos que nos permitem reconhecer o despertar de uma espiritualidade que não admite o princípio da submissão baseada na coerção exercida por uma instituição ou por um corpo de doutrinas e regramentos. É uma noção de liberdade o que cada indivíduo acessa ao afirmar que cada pessoa pode fazer em seu percurso em todas as áreas da vida, inclusive no âmbito religioso.

Nesse sentido, o fenômeno da individualização da crença está balizado, segundo o parecer das pessoas investigadas, pelo o protagonismo do indivíduo, com total liberdade quanto ao

direcionamento do seu senso religioso, ou seja, da sua sensibilidade para com os conteúdos de uma fé, da sua relação com o que compreende como Deus e, ademais com o que chega a compreender o que é sua vivência religiosa. Nesse sentido, o cultivo dos valores está a cargo de cada pessoa, sem a necessidade de alguma mediação. Na visão de 51% dos integrantes da amostra, cada pessoa carrega em si uma predisposição para se conectar com o que compreendem ou chamam de mistério da vida ou com algo transcendente. Para essas pessoas, entre as quais encontramos tanto pessoas sem religião com fé, quanto pessoas ateias e agnósticas, essa predisposição é sinônimo de espiritualidade. Segundo 57% das pessoas pesquisadas, é possível uma pessoa cultivar a espiritualidade sem estar ligada a alguma religião. Portanto, para a maioria dos respondentes, a religião como instituição e como corpo doutrinal é dispensável para se ter espiritualidade. Basta, segundo essa visão, o indivíduo como operador do seu senso religioso, ou seja, daquilo que compreendemos ser os vestígios do que outrora lhe foi transmitido e que agora lhe compete ser o gestor: a tradição herdada, a fé cultivada, os horizontes de sentido.

As sociedades dinâmicas arrastam os indivíduos para forçá-los a reconhecer em suas vidas, a cada dia, as motivações da existência. Estão orientadas para a ideia de que o projeto que é feito ou os valores para os quais se vive, não estão dados, mas são construídos. O que está para ser construído depende dos próprios critérios, da própria qualidade humana que a proporciona.

Como destacado acima, as pessoas pesquisadas não vinculam a religião somente ao elemento doutrinal ou institucional. Em alguns casos elas também associam de forma positiva a religião à fé e à vivência de intimidade com o que experimentam como Deus. Para essas pessoas, religião equivale a ter fé, a ter um vínculo com o que chamam Deus. E quando falam sobre espiritualidade, a relação do indivíduo com o transcendente é o dado mais enfatizado pelas pessoas pesquisadas. Em geral, essas pessoas não chegam a se compreender como sem religião, pois vinculam religião a ter fé. Neste caso, verifica-se, portanto, uma espiritualidade não-institucionalizada, porém, permeada por vestígios dos conhecidos elementos religiosos. Isso não quer dizer que essas pessoas estejam se desligando das tradições religiosas e do legado constituído pelos nossos antepassados. É evidente, contudo, que atualmente se desenha diante de nós uma significativa desafeição pela religião institucional, ou seja, um processo de desinstitucionalização da religião e uma conseqüente individualização da crença. Ao menos, tal é a realidade que, do ponto de vista quantitativo e qualitativo, sugere a pesquisa sobre os sem religião numa região da periferia da capital mineira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas que aqui foram integradas, de modo a complementar abordagens quantitativa e qualitativa no estudo sobre o fenômeno do sem-religião, tomaram como referência a cidade de Belo Horizonte. Se por um lado, a espacialização tornou possível identificar uma característica do fenômeno, a saber a sua maior incidência em áreas periféricas da cidade ou de bairros da próspera região centro-sul da capital, por outro lado, o estudo que procurou captar as vozes dessas pessoas em uma região de maior incidência do percentual de sem-religião propiciou identificar elementos que demarcam um processo de desafeição, desinstitucionalização e individualização do senso religioso.

A realidade aqui analisada evoca um cenário em que as instituições se veem particularmente enfraquecidas quanto à sua importância para a orientação do que as pessoas pesquisadas compreendem como fé, espiritualidade e experiência de Deus.

O trabalho, em síntese, aponta para o papel das Ciências Empíricas da Religião, em particular a contribuição da Geografia da Religião, favorecendo a busca por compreensão de um fenômeno tanto espacial quanto social tal como o fenômeno dos sem-religião em Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. Cultura religiosa errante. O que o Censo de 2010 pode nos dizer além dos dados. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). **Religiões em movimento**. O Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 295-310.

ANTONIAZZI, A. Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto? **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 13-39, 2004.

BELO HORIZONTE. Prefeitura municipal. **Bairros**. Disponível em: <<http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/estrutura-territorial/bairros>>. Acesso em: 03 jan. 2017a.

BELO HORIZONTE. Prefeitura municipal. **Censo 2010**. População Residente e Densidade Demográfica por Bairro, Território de Gestão Compartilhada e Regional. Disponível em: <<http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/mapas-e-estatisticas/censo-2010>>. Acesso em: 04 jan. 2017d.

BELO HORIZONTE. Prefeitura municipal. **História de bairros**. Belo Horizonte. Regional Leste. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Disponível em: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/biblioteca/arquivos/historias_de_bairros_-_leste.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2017b.

BELO HORIZONTE. Prefeitura municipal. **Secretaria municipal de educação**. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao>>. Acesso em: 05 jan. 2017c.

CARVALHO, I. F. Mapa das religiões em Belo Horizonte. In: COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR DE TEOLOGIA E PASTORAL. 2., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: PUC-Minas, 2014. p. 1-4

CORBÍ, M. **Religión sin religión**. 1. ed. Madrid: PPC, 1996. 296p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010: Áreas de Ponderação - Resultados da Amostra**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/apps/areaponderacao/index.html>>. Acesso em: 03 jan. 2017d.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: resultados gerais da amostra por área de ponderação**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_gerais_amostra_areas_ponderacao/ >. Acesso em: 30 jul 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: resultados gerais da amostra por área de ponderação**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_gerais_amostra_areas_ponderacao/ >. Acesso em: 30 jul 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conheça cidades e estados do Brasil**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 03 jan. 2017b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População jovem no Brasil**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/>. Acesso em: 12 fev. 2017c.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela 2103 - População residente, por situação do domicílio, sexo, grupos de idade e religião**. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=13&i=P&c=2103>. Acesso em: 05 ago. 2017a.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo. 1. ed. Barueri: Editora Manole, 2005. 224p.

MACEDO, D. R.; UMBELINO, G. Correlação espacial entre a evolução da mancha urbana e indicadores sócio-demográficos em Belo Horizonte. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 14., 2009, Natal. **Anais...** São José dos Campos: INPE, 2009. p. 739-746.

MINAS GERAIS. Governo estadual. **Legislação Mineira**. Dispõe sobre a região Metropolitana de Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LCP&num=89&comp=&ano=2006&aba=js_textoAtualizado#texto>. Acesso em: 12 jan. 2017b.

MINAS GERAIS. Governo estadual. **Lista de escolas**. Disponível em: <<https://www.educacao.mg.gov.br/parceiro/lista-de-escolas>>. Acesso em: 05 jan. 2017a.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Evolução do Salário Mínimo – Legislação 1940 -2016**. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SalarioMinimo/2016.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2016.

OLIVEIRA, B. T. Patrimônio e desenvolvimento em Belo Horizonte: Palácios da Praça da Liberdade em risco. **Arquitextos**, v. 07, 2007.

OLIVEIRA, P. A. R. A desafeição religiosa de jovens e adolescentes. **Cadernos IHU em formação**, São Leopoldo, v. 8, n. 43, p. 26-29, 2012a.

OLIVEIRA, P. A. R. Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1230-1254, 2012b.

PASSOS, M.; ROCHA, D.; ZORZIN, P. L. G. O que (não) dizem os números - para além das estatísticas sobre o Novo Mapa das Religiões Brasileiro. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 690-714, 2011.

TEIXEIRA, F. O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In: TEIXEIRA, F. MENEZES, R. (Orgs.). **Religiões em movimento**. O Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 17-35.

TONUCCI FILHO, J. B. M.; MAGALHÃES, F. N. C.; OLIVEIRA, A. M.; SILVA, H. Estrutura produtiva e mercado de trabalho na Região Metropolitana de Belo Horizonte: formação histórica e perspectivas contemporâneas. In: ANDRADE, L. T.; MENDONÇA, J. G.; DINIZ, A. M. A. (Ed). **Belo Horizonte: transformações na ordem urbana**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2015. p. 49-87.

Trabalho enviado em 21/02/2020

Trabalho aceito em 04/04/2020